

“DA ONDE JÁ SE VIU ESSA GURIA NO SINDICATO?”

ROSA, D. A.R.¹, MANKE, L. M.²

¹ Universidade Federal de Pelotas – Pelotas– RS – Brasil – ardienifer@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – Pelotas– RS – Brasil – lisianemanke@yahoo.com.br

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo principal analisar como se constituíram as trajetórias femininas de professoras sindicalistas atuantes no 17º Núcleo do Centro de Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS/Sindicato), seguindo os princípios da História de Vida. Essa instituição sindical é a segunda maior da América Latina e, ao longo de toda sua história, têm mantido um quadro de sócios composto majoritariamente por mulheres. No entanto, a historiografia acerca do CPERS/Sindicato parece ainda não ter explorado significativamente as questões de gênero interpostas a este movimento sindical. Sendo assim, a pesquisa desenvolve um diálogo com campos de estudo como a História das Mulheres (Lerner, 2019), a História Oral, com ênfase na modalidade de História de Vida (Alberti, 2004) e o conceito de Memória (Halbwachs, 1990). Além disso, foram encontrados indícios que expõem o impacto que a atuação sindical teve no âmbito pessoal e profissional de suas vidas. Através dos seus relatos, são inequívocos os desafios que encontraram, para sua atuação no movimento sindical do 17º Núcleo do CPERS/Sindicato.

Palavras-chave: História de Vida; Mulheres Grevistas; CPERS/SINDICATO.

1 INTRODUÇÃO

As mulheres sempre foram sujeitos e agentes da história, mesmo que tenham vivido uma experiência histórica significativamente diferente da dos homens (Lerner, 2019). No entanto, as especificidades de suas trajetórias nem sempre foram contempladas pela historiografia, que durante muito tempo baseou seus estudos na ideia de um sujeito supostamente universal.

Deste modo, não é de surpreender que a historiografia acerca do Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS/Sindicato) - a segunda maior entidade sindical da América Latina - quase não tenha explorado o caráter majoritariamente feminino da instituição, presente desde a sua criação em 21 de Abril de 1945 até os dias atuais, e o que ele pode ter representado.

Isso pois, de acordo com Morente (2015), a participação das mulheres como ativistas, ou neste caso como professoras sindicalistas, geralmente é acompanhada por tensões e resistências no espaço privado. Isso ocorre pois seus familiares, sejam seus companheiros ou filhos, interpretam essa atitude como “a quebra de padrões morais familiares ou sociais.” (p. 22)

Sendo assim, o presente estudo tem como objetivo investigar os principais desafios para atuação no movimento sindical enquanto mulheres professoras sindicalistas atuantes no 17º Núcleo do Centro de Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS/Sindicato), em diálogo com o conceito de Memória (Halbwachs, 1990) e a metodologia de História de Vida (Alberti, 2004).

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste estudo é a História Oral, partindo das especificidades da modalidade de História de Vida (ALBERTI, 2004). Sendo o testemunho oral rico justamente pela possibilidade de transmitir “os sentimentos, as dúvidas, as contradições em jogo em uma revolução, em uma greve ou em qualquer situação na qual o homem interfira.” (Barela; Miguez; Conde; 2009, p. 8) (Tradução minha)

O grupo de entrevistadas está composto por cinco mulheres vinculadas ao 17º Núcleo do CPERS/Sindicato (Bagé/RS), professoras aposentadas da rede estadual, com idade média de 67 anos que se dedicaram ao ensino em escolas estaduais, tendo como critério de seleção o maior tempo de participação ativa na instituição, somada à disponibilidade em participar da pesquisa.

Para a coleta dos dados foram utilizados dois questionários utilizados nos dois encontros feitos com cada uma das participantes em um café no centro da cidade, que tiveram duração média de 70 minutos. Além disso, o processo de transcrição segue alguns dos princípios estipulados por Matos e Senna (2011).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando questionadas sobre a reação da família acerca de sua atuação no movimento sindical, todas as participantes da pesquisa relataram, de uma maneira ou outra, terem encontrado certa resistência ou receio por parte de seus familiares e/ou companheiros.

Quando ele [o pai] me viu na rua fazendo uma passeata pela primeira vez ele ficou louco (Risos). Ele dizia: “Que barbaridade essa guria!” Aí quando

eu cheguei em casa ele me perguntou: “O que tu estavas fazendo lá?” (Regina, 2022)

Meu pai dizia: “Ah, é muito arriscado vocês irem.” Porque eu ia para todos os eventos do sindicato. Mas eu nunca desisti. (...) Então a gente sempre discutia esse assunto, mas sem briga. Eu nunca deixei de me posicionar e ele também não. Segui fazendo e ele sempre dizendo: “Te cuida, isso é perigoso.” Pra ter cuidado, mas nunca proibindo nem nada, até porque eu não ia permitir. (Risos) (Itamara, 2022)

Tu sabe que a sociedade é muito machista. Graças a deus o meu pai tinha mente aberta. Mas teve um primo meu que disse assim: “**Sindicato?**” Com aquela cara, achando um absurdo. E eu dizia: “Sim! Sindicato sim! Nós somos do sindicato!” (Delcimar, 2022)

Ele [*o marido*] nunca gostou. A família dele era lá do Uruguai e eles eram bem tradicionais, porque a mãe dele era muito do lar, muito submissa, fazia tudo para o pai dele. E ele achava que eu tinha que ser igual. Ele achava que mulher não tinha que andar fazendo essas coisas. (Nara, 2022)

Sobre esses relatos, primeiramente é interessante observar como as entrevistadas, de modo geral, mencionaram apenas a opinião dos homens, mesmo que a pergunta indagasse sobre a percepção da família. Sendo assim, quando interpeladas especificamente sobre a reação de suas mães, a grande maioria apresentou poucos detalhes, dando a entender que elas não expuseram suas opiniões da mesma maneira que os pais ou companheiros fizeram.

É importante destacar os relatos de Regina, Delcimar e Nara, pois eles demonstram claramente a resistência à ideia de que as mulheres de sua família participassem do movimento sindical. Parecendo haver, inclusive, um choque de expectativas por parte deles nesses três relatos, já que ficam desconcertados ao saberem da atuação sindical delas. O que, logo em seguida, transforma-se em reprovação, já que parece haver a impressão de que estavam fazendo algo errado.

Já sobre o caso de Nara é fundamental enfatizar a relação dela e do marido.

Uma vez eu estava fazendo uma passeata na Sete aqui em Bagé e nós passamos ali na frente da ARCO, onde ele trabalhava na época. Eu tava bem na frente, segurando uma faixa e os colegas dele me viram passar ali. Quando cheguei em casa ele me disse: “Os caras lá do trabalho falaram que te viram passar lá na frente, que a minha mulher andava na rua, envolvida em manifestação.”(Nara, 2022)

A partir desse relato, é possível observar que a atuação de Nara no 17º Núcleo, parece ser motivo de certo constrangimento para o marido, perante os colegas de trabalho. Afinal, era “sua mulher” que não só atuava no espaço público, como também participava de manifestações sindicais.

Já Delcimar, que relatou a reação negativa de um primo, contava com o apoio do pai para seguir em frente, mesmo que ele próprio fosse alvo de pressão de outros homens da família e da própria diretora da escola onde a filha trabalhava.

Assim ó, essa crítica, essa pressão, eles tentaram no início mas não comigo. Para ti ver, o machismo era com meu pai. Era com o meu próprio pai que eles falavam: “Mas essa guria no sindicato?” E eu tinha 22 anos e dizia: “Ai, que bom que eu sou guria até agora.” (Risos) Um preconceito! Eles diziam: “Da onde já se viu essa guria no sindicato?” (Delcimar, 2022)

A **primeira** greve [fazendo referência à greve de 1979] que teve eu fui. Ai sabe que a diretora da escola foi lá em casa dizer para o pai que ela estava muito preocupada comigo. Ela disse para o meu pai: “O senhor imagina, ela pode perder o contrato e ela está fazendo faculdade.” E o meu pai disse: “Mas eu não posso impedir. Se ela tem essa visão é porque ela tem consciência que para mudar e para crescer ela tem que lutar. E eu não sabia disso, ele **não me contou**. (Delcimar, 2022)

Em ambos os casos, tanto a diretora como os familiares, em nenhum momento parecem ter abordado Delcimar diretamente para conversar ou até mesmo repreendê-la. No entanto, procuravam seu pai, a figura masculina de autoridade, para que ele interviesse na situação de alguma maneira. Como bem expressa Delcimar: “Era uma questão de gênero, se eu fosse homem não haveria problema”. (Delcimar, 2022)

Já Itamara comenta que o marido, assim como seu pai, demonstrava certo receio da sua atuação sindical devido aos enfrentamentos com a polícia, mas que nunca se opôs. Atualmente ela afirma ter conseguido trazer o marido e a filha “para o seu lado”, embora o filho ainda demonstre certa resistência:

No início ele [o marido] não concordava muito, ele falava que era arriscado, ele achava que iam me... Que eu ia para eventos e coisas perigosas... então ele pedia que eu tivesse cuidado e tal, mas ele nunca interferiu. “Não vai” ele nunca disse. (...) Se eu eu digo: “Bah, hoje tal coisa aconteceu no sindicato, não sei o que.” Ele participa dando a opinião. Então a gente nunca teve briga em função disso. Graças a Deus. (Risos) (Itamara, 2022)

Já Regina e Gladis destacam nunca ter tido problemas com os companheiros e encontraram neles, muitas vezes, o apoio que precisavam. Inclusive, conforme foi mencionado no capítulo três, Regina conheceu o atual marido “*em plena campanha*”, como fez questão de destacar, afirmando que ele sempre soube de sua atuação sindical. Gladis comenta que o marido, juntamente com sua mãe, era um dos responsáveis por cuidar das filhas, quando ela se locomovia até Porto Alegre com o 17º Núcleo.

4 CONCLUSÃO

Embora desde a década de 1990 o CPERS/Sindicato tenha sido um ponto de interesse para os historiadores, a sua característica majoritariamente feminina não foi evidenciada e, muitos menos, estudada durante muito tempo. Tendo a maioria

deles recorrido à ideia de um “sujeito universal” em suas pesquisas, pouco se sabe, especificamente, sobre a experiência e vivência do grupo majoritário da instituição, as professoras sindicalizadas.

Neste sentido, através dos relatos analisados, são inequívocos também os desafios que encontraram, para sua atuação no movimento sindical do 17º Núcleo do CPERS/Sindicato. Entre eles está o rechaço da família e da própria sociedade à sua atuação sindical como mulheres e professoras, bem como a dificuldade em manter-se nesse ambiente em meio às demais jornadas de trabalho que enfrentavam, principalmente no que diz respeito ao cuidado com a casa e os filhos.

Sendo assim, espera-se que este estudo, assim como outros de caráter similar, sirvam para fomentar reflexões acerca do perfil real da instituição que têm como fio condutor, ao longo de todos os seus anos de existência, o trabalho ativo de mulheres em todos os cantos do estado do Rio Grande do Sul. Afinal, é o trabalho, em maior parte feminino, que faz desta a segunda maior entidade sindical da América Latina.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 2ªed., Rio de Janeiro: Editora FVG, 2004.

BARELA, Liliana; MIGUEZ, Mercedes; CONDE, Luis Garcia. **Algunos apuntes sobre historia oral y cómo abordarla**. Buenos Aires, Patrimonio e Instituto Histórico, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Vértice, 1990.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. História oral como fonte: problemas e métodos. **Historiae**, Rio Grande, v. 2. n.1, p. 95- 108, 2011. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2395/1286>. Acesso em: 6 dez. 2019.

MORENTE, Marcela Cristina de Oliveira. **Invadindo o Mundo Público: Movimento de Mulheres (1945-1964)**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, 2015.